

ARTIGO ORIGINAL

**INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE: UMA
ANÁLISE DA SAÚDE DOS DOCENTES DE UMA
UNIVERSIDADE PRIVADA DE BELO HORIZONTE**

**RESEARCH RESEARCH WORK AND HEALTH: A HEALTH ANALYSIS OF
TEACHERS OF A PRIVATE UNIVERSITY OF BELO HORIZONTE**

**Flávia Andrade Almeida^{*}; Aline Caldeira Batista²; Brenda Alice Martins Andrade³; Bruna
Cristina Coura Sales⁴; Sandra Mara Luiz Muzzi⁵**

1. Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade José do Rosário Vellano -UNIFENAS e Centro Universitário de Belo Horizonte -UNIBH. flaviaandrade@yahoo.com.br, flavia.almeida@prof.unibh.br
2. Enfermeira. Universidade José do Rosário Vellano UNIFENAS. Belo Horizonte, MG. aline.caldeirabatista@gmail.com
3. Enfermeira. Universidade José do Rosário Vellano, UNIFENAS. Belo Horizonte, MG. brendaalice@gmail.com
4. Enfermeira. Universidade José do Rosário Vellano, UNIFENAS. Belo Horizonte, MG. brunacesales@hotmail.com
5. Enfermeira. Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS. Belo Horizonte, MG. sandramuzzi2009@hotmail.com

* autor para correspondência: Flávia Andrade Almeida: flaviaandrade@yahoo.com.br

Recebido em: 17/11/2018 - Aprovado em: 25/03/2020 - Disponibilizado em: 12/04/2020

RESUMO: A Saúde do Trabalhador é um termo que compreende o trabalho frente à saúde/doença. Esta pode estar comprometida quando o conjunto de necessidades que o mantém no mercado de trabalho, compromete a sua qualidade de vida. O objetivo desse estudo foi analisar a saúde dos docentes – enfermeiros lotados em uma Universidade privada de Belo Horizonte. O reconhecimento dos fatores que comprometem a saúde do docente, que concilia as funções de enfermeiro e professor, se faz relevante uma vez que seus resultados poderão subsidiar a criação de estratégias para minimizar o impacto das atividades profissionais na qualidade de vida desses profissionais. A pesquisa foi realizada em uma Universidade privada de Belo Horizonte (MG) e os sujeitos da pesquisa foram docentes lotados na universidade que compõe o corpo docente do curso de enfermagem. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação do questionário desenvolvido pelo Departamento Health Care Policy da Harvard Medical School. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a alta carga horária de trabalho dos docentes- enfermeiros, bem como a conciliação do trabalho docente com outras atividades incluindo as práticas como enfermeiro, impactam diretamente na sua condição de saúde, sendo manifestada por sintomas relacionados ao estresse.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças Profissionais. Docentes de enfermagem. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT: Occupational Health is a term that includes work in the face of health / illness. This can be compromised when the set of needs that keeps you in the job market, compromises your quality of life. The recognition of the factors that compromise the health of the teacher, which reconciles the functions of nurse and teacher, is relevant since its results may support the creation of strategies to minimize the impact of professional activities on the quality of life of these professionals. The research was carried out in a private University of Belo Horizonte (MG) and the research subjects were 13 professors assigned to the university that makes up the faculty of the nursing course. Data collection was performed through the application of a questionnaire developed by the Health Care Policy Department at Harvard Medical School. The interviewees' profile is mostly represented by women aged 37 to 43 years, married, with at least one child. The results of this research demonstrated that the high workload of teachers-nurses, as well as the reconciliation of teaching work with other activities including practices as a nurse, directly impact on their health condition, being manifested by symptoms related to stress, such as such as gastrointestinal problems (31%), fatigue (23%) and chronic pain (23%).

KEYWORDS: Professional Diseases. Teaching Staff of Nursing. Worker's Health.

1. INTRODUÇÃO

O ato de trabalhar sempre esteve ligado à humanidade e todas as suas ações para sobrevivência se entrelaçam com o trabalho. Para o homem, trabalhar é ter utilidade, acrescentar-se ao meio e se ligar a sua natureza (CODO, 2006).

Existem inúmeras atividades exercidas e condições variadas de trabalho, e em cada uma delas são observados fatores que provocam alterações na saúde, de caráter físico, social e mental e que acabam por influenciar no processo de trabalho (CODO, 2006).

A Saúde do Trabalhador é um termo que compreende o trabalho frente à saúde/doença. Nessa interpretação, o conceito saúde e doença estão diretamente ligados ao desenvolvimento produtivo da população. A necessidade de produção, condições de trabalho e a escassa preocupação com a saúde do trabalhador têm como consequência o adoecimento e a morte dessa população (SIQUEIRA et al., 2013).

Conforme a Constituição Federal de 1988, a saúde do trabalhador é um dos determinantes sociais que está atribuído ao Sistema Único de Saúde (SUS). E que em conjunto com as vigilâncias sanitária e epidemiológica, além dos cuidados oferecidos a esses trabalhadores, atuam como entidades fiscalizadoras

para proporcionar a melhoria nas condições de trabalho (BRASIL, 1990).

De acordo com Buss e Pellegrini Filho (2007) são definidos como determinantes sociais de saúde (DSS) os fatores sociais, econômicos, culturais, éticos, raciais, psicológicos e comportamentais, estando relacionados aos riscos ocupacionais do trabalhador.

Entre os diversos determinantes sociais existentes, e que em conjunto proporcionam a saúde às pessoas, está a educação, que ao ser analisada nos trabalhadores entende-se que, mesmo com uma maior exigência do mercado de trabalho em níveis de escolaridade, em atividade no mercado encontra-se em maioria profissionais com nível educacional baixo. Essa situação é ainda mais crônica quando se observa a renda salarial, que em muitas vezes é baixa impossibilitando-os de certa forma de lhes proporcionar um maior nível intelectual (INVERNIZZI, 2002).

A saúde do trabalhador pode estar cada dia mais comprometida, pois o conjunto de necessidades o faz manter-se no mercado de trabalho por ordens sociais, econômicas e culturais, sujeitando-se a sobrecargas emocionais e cobranças. O que pode também ser analisado é a relação das doenças pré-existentes e os agravos que podem estar relacionados ao trabalho.

De acordo com os dados divulgados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde

(DATASUS), a taxa de incidência de acidentes e doenças do trabalho em segurados da Previdência Social desde o ano de 1997 ao ano de 2011 diminuiu a cada ano. Com a diferença nos anos de 2008 e 2009 que foram os únicos entre estes que aumentou, podendo ser justificado pelo aumento das notificações realizadas por meio da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) (BRASIL, 2014).

Os danos à saúde do trabalhador registrados pela CAT refletem na maneira como as empresas lidam com esse problema, fazendo-as incluir nas rotinas de trabalho projetos e programas internos e externos para que esses danos sejam minimizados (BRASIL, 2014). Através da observação do impacto da vida social, da saúde e do bem-estar do indivíduo no seu desempenho, surge uma preocupação atual em oferecer ações que possam promover a entrada do trabalhador na saúde pública (CODO, 2006).

As classes dos professores e os profissionais de enfermagem são apontadas como as mais afetadas no que tange aos aspectos relacionados ao ambiente de trabalho e suas exigências em relação à saúde. Guimarães e Felli (2016) descrevem que o comprometimento da saúde do profissional de enfermagem está intimamente ligado à questão das condições de trabalho oferecidas ao trabalhador desta área. Batista et al. (2010) chamam a atenção que o adoecimento dos professores está relacionado ao esgotamento profissional tanto físico quanto psicológico.

Um estudo com docentes realizado por um período de sete anos revelou um número de licenças superior ao número de amostras de professores, resultando em comprometimento de ordem psicológica e social refletindo no elevado nível de estresse, desejo de abandonar a carreira, absenteísmo e depressão; caracterizando um “mal-estar do docente” (GONZÁLEZ et al., 2008).

Considerando a complexidade dos aspectos do trabalho envolvendo o docente com formação em enfermagem, esse estudo pretende responder as seguintes questões: Quais fatores do ambiente de trabalho interferem na saúde do docente com formação em enfermagem? Quais os problemas de saúde mais acometem a saúde desse trabalhador?

Dessa maneira, esse estudo tem o objetivo geral: Analisar a saúde dos docentes com formação em enfermagem lotados em uma Universidade privada de Belo Horizonte. E como objetivos específicos: 1) Levantar os fatores relacionados ao trabalho que interferem na saúde do docente; 2) Investigar os principais problemas de saúde que acometem a saúde do docente.

O reconhecimento dos fatores que comprometem a saúde do docente, que concilia as funções de enfermeiro e professor, se faz relevante uma vez que seus resultados poderão subsidiar a criação de estratégias para minimizar o impacto das atividades profissionais na qualidade de vida desses profissionais.

2 METODOLOGIA

O vigente estudo tem a classificação de pesquisa transversal de natureza quantitativa, recebendo também a subclassificação de pesquisa descritiva, exploratória.

A pesquisa foi realizada em uma universidade privada de Belo Horizonte, que oferece cursos de graduação, cursos de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*, dentre eles o Curso de Graduação em Enfermagem.

Os sujeitos da pesquisa foram docentes lotados na universidade que compõe o corpo docente do curso de enfermagem. Utilizaram-se como critérios de inclusão os docentes com curso de enfermagem com graduação em enfermagem, que conciliam ou não a

função de enfermeiro, estando em exercício no período da realização da pesquisa.

Fundamentado por dados da referida instituição, os docentes que lecionavam no curso de enfermagem correspondiam a um universo de 16 docentes, sendo 14 desses com características que correspondem aos critérios de inclusão definidos nesse estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação do questionário desenvolvido pelo Departamento Health Care Policy da Harvard Medical School, durante o mês de maio de 2017. O questionário é constituído de dois itens, sendo o primeiro relacionado à saúde do trabalhador e o segundo relacionado ao trabalho.

No item relacionado à saúde os sujeitos foram investigados quanto: percepção da saúde, doenças prévias, hábitos relacionados ao consumo de tabaco e bebida, alterações comportamentais. E no item relacionado ao trabalho foram levantados aspectos relacionados à rotina de trabalho e a sua percepção frente aos aspectos financeiros, relações pessoais e desempenho profissional.

A aplicação do instrumento de coleta de dados foi realizada em dia e local que melhor conveio aos entrevistados. Como se trata de um questionário autoaplicável, os pesquisadores apresentaram primeiramente os acordos para a participação da pesquisa por meio da apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), seguido da distribuição do questionário. Os pesquisadores aguardaram o preenchimento total do questionário.

A fim de cumprir todas as exigências da Resolução 466/20112 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética Pesquisa da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) por meio do cadastramento na Plataforma Brasil, mediante a apresentação da autorização prévia da instituição proponente. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética e Pesquisa da

Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) por meio do parecer número 2.048.576

Após a aplicação dos questionários os dados foram organizados em gráficos e tabelas. A organização dos dados foi realizada utilizando o programa Excel a partir da análise de porcentagem simples.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

O perfil dos entrevistados foi descrito a partir das variáveis: idade, sexo, estado civil, quantidade de filhos e alguns hábitos de vida como o uso de álcool ou cigarro, considerando que esses aspectos podem interferir diretamente na condição de saúde geral e mental do trabalhador. É importante salientar que os entrevistados desse estudo conciliam a função de docente com outras atividades, relacionadas ao não a prática da enfermagem.

Observa-se maior prevalência em relação ao sexo feminino da população estudada, onde 11 (85%) são mulheres e 2 (15%) são homens.

A característica desse perfil é também descrita no estudo de Martins (2006), que aponta o sexo feminino uma característica histórica da enfermagem, profissão executada quase que exclusivamente por mulheres desde as primícias.

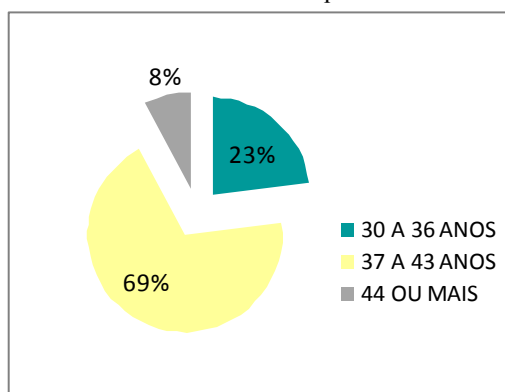
De acordo com Mauricio e Marcolan (2016), mesmo que historicamente a prática do cuidado no Brasil não esteja exclusivamente ligada ao sexo feminino, existe essa tendência de que o cuidado na enfermagem seja praticado pelas mulheres.

Terra, Robazzibi e Secco (2011) reforça a unanimidade entre as mulheres também como educadores desde a segunda metade do século XX, onde o ato de lecionar era considerado uma atividade

própria para mulheres como uma continuação das tarefas diárias dentro do próprio lar.

De acordo com o FIG. 1, que se refere à idade dos entrevistados este estudo revelou que 3 (23%) destes possuem entre 30 e 36 anos, sendo todos do sexo feminino. Dos entrevistados, 9 (69%) possui entre 37 e 43 anos, sendo somente 1 destes do sexo masculino e 8 do sexo feminino, e 1 dos entrevistados (8%) possui 44 anos ou mais, sendo este do sexo masculino.

Figura 1 - Perfil dos entrevistados quanto à idade

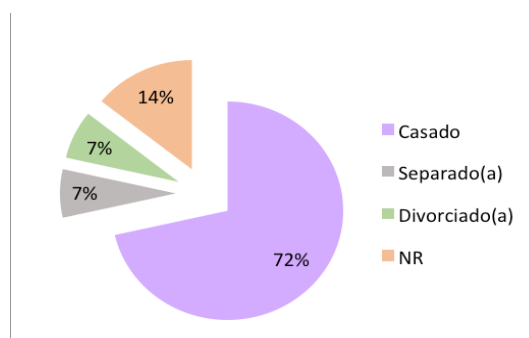


Fonte: Dados do Estudo, 2017.

O tipo de universidade pode influenciar na idade da maioria dos docentes de acordo com Terra, Robazzibi e Secco (2011). Em seu estudo as universidades públicas concentram maiores números de docentes com idade de 50 anos ou mais, sendo significativa a diferença entre os docentes das universidades privadas, onde se observa a variação de idade entre 20 e 40 anos, correspondendo as características apresentadas nesse estudo.

Referente ao estado civil, quando os sujeitos foram questionados sobre esse aspecto 10 (72%) se posicionaram como casados, 1 (7%) separado, 1 (7%) divorciado, 2 (14%) não responderam de acordo com FIG. 2.

Figura 2 - Perfil dos entrevistados quanto ao estado civil



Fonte: Dados do estudo, 2017.

A literatura aponta que o estado civil pode ser influenciar nos aspectos relacionados ao cotidiano de trabalho.

Duarte e Mauro (2010) analisaram as condições de trabalho da enfermagem, onde a maioria é do sexo feminino e casada. Para o autor, as mulheres estão submetidas à dupla jornada de trabalho, pois tem um aumento de responsabilidades além das atividades diárias, os quais relacionam o trabalho empregatício com o trabalho doméstico, acarretando em uma dupla jornada de trabalho.

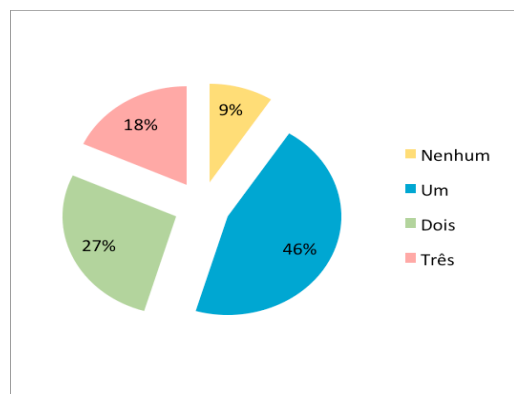
Por outro lado, existem descrições que apontam que o estado civil pode funcionar como um suporte, diante das atividades relacionadas ao trabalho, funcionando como incentivo às práticas de lazer e autocuidado, deixando de ser somente outro fator estressante. A constituição da família pode oferecer apoio emocional, participando do cotidiano, compartilhando vivências, dificuldades e também oferece apoio material, quando se considera bens, dinheiro e trabalho (STACCIARINI; TRÓCCOLI, 2001).

Atrelado ao estado civil faz-se necessário considerar uma variável que pode contribuir para a análise dos aspectos relacionados à saúde desses trabalhadores. Visto que o maior número de entrevistados são mulheres que atuam como enfermeiras-docentes,

além de desempenhar o papel de mães, a existência de filhos pode impactar diretamente na rotina de trabalho, refletindo direta ou indiretamente na saúde do trabalhador.

Dessa forma, foi também realizada a investigação quanto ao número de filhos. Do total de entrevistados, 46% informou possuir um único filho, 3 (27%) deles possui 2 (dois), enquanto que 2 (18%) possuem três, sendo assim somente 1 (9%) não tem filhos, como mostra o FIG. 3.

Figura 3 - Perfil dos entrevistados quanto ao número de filhos

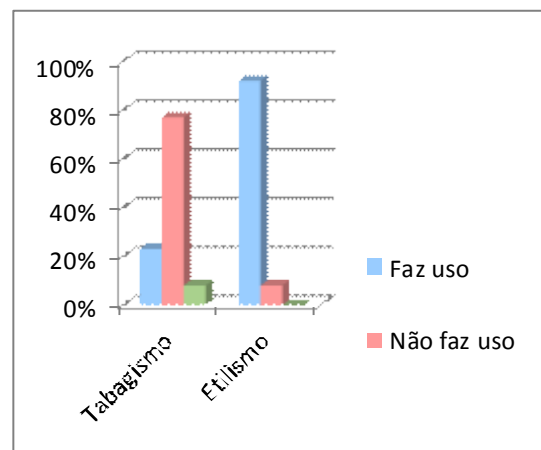


Fonte: Dados do estudo, 2017.

A última análise de perfil se deu pela investigação de hábitos prévios à rotina de trabalho relacionado ao consumo de álcool e drogas.

No que se refere a tabagismo, 10 (77%) relataram não fazer uso de cigarro e 12 (92%) dos participantes afirmar fazer uso do álcool socialmente (FIG.4):

Figura 4 - Perfil dos entrevistados quanto ao uso de Álcool e Tabaco



Fonte: Dados do estudo, 2017.

Os dados desse estudo demonstram que o consumo de bebida alcoólica é mais evidente quando comparado ao uso de tabaco pelos entrevistados, sendo o uso de bebida alcoólica declarado de formal social, em maioria pelas mulheres com idade entre 30 a 49 anos, que administram simultaneamente a vida conjugal com o trabalho, e possuem no mínimo um filho.

A utilização de bebida alcoólica por docentes também é encontrada no estudo comparativo desenvolvido por Franco e Monteiro (2016), realizado com professores de ensino superior de escola privada e de escola pública. Os resultados desse estudo demonstraram uma elevada incidência do consumo de álcool considerado por eles de uso social, tanto na escola de ensino privado (64%) e, quanto nas escolas de ensino público (79%).

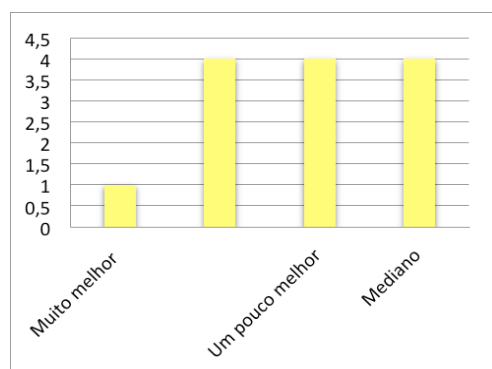
3.2 SAÚDE NO TRABALHO: FATORES INTERVENIENTES E A AUTO AVALIAÇÃO DO SUJEITO

Os fatores relacionados ao trabalho do docente que influenciam em sua saúde foram mensurados a partir

dos seguintes aspectos: autoavaliação de desempenho no ambiente de trabalho, horas trabalhadas, as manifestações de estresse e pelos problemas de saúde mais frequentes.

Quando os entrevistados foram questionados sobre o desempenho no ambiente de trabalho quando comparadas aos outros colegas de trabalho, ou seja, docentes sem formação e atuação no universo da enfermagem, 4 (31%) relataram ser moderadamente melhores, outros 4 (31%) relataram ser pouco melhor e mais outros 4 (31%) pior que os outros no mesmo ambiente. Enquanto 1 (7%) relataram ser muito melhor que os outros docentes do mesmo setor, conforme o ilustrado no FIG.5.

Figura 5 - Autoavaliação dos entrevistados quanto ao desempenho no trabalho



Fonte: Dados do estudo, 2017.

De acordo com Rezende e Silva (2008) a maioria dos profissionais, acredita que seu trabalho contribui para as instituições em que atuam, principalmente pela grande responsabilidade das atividades realizadas, fato que pode ser comprovado pelos resultados desse estudo.

No entanto, a responsabilização e o compromisso dos docentes com o aprendizado, a edificação dos conhecimentos e o bom desempenho dos alunos como resultado do seu trabalho, potencializa ainda

mais as chances de sobrecargas no trabalho, uma vez que a prática diária em busca da contribuição para a instituição a qual pertencem, desafia diariamente os docentes, podendo aumentar a recorrência da realização de atividades escolares nos horários destinados ao repouso ou folga (REZENDE E SILVA, 2008).

Dessa forma, a relação entre a maneira como esse profissional se auto avalia no cotidiano de trabalho impacta no número de horas trabalhadas dentro e fora da sala de aula, principalmente quando conciliam a docência com outras atividades ou empregos de outras naturezas. Nesse estudo, é importante salientar que alguns docentes atuam como enfermeiros e ou outro tipo de atividade ou cargo, conciliando a rotina da prática docente.

A análise do horário de trabalho dos entrevistados, segundo o questionário desenvolvido pelo departamento HealthCarePolicy da Harvard Medical School, parte da avaliação de três categorias de horário de trabalho. A primeira categoria considerada "horário normal", no qual os sujeitos se posicionam exercendo atividades de trabalho nos mesmos horários todos os dias.

Já a segunda categoria se refere ao "horário rotativo", no qual o trabalhador exerce atividades de trabalho alternando-se em turnos diurno e noturno. E por fim a terceira categoria, denominada "horário irregular" que define uma rotina de trabalho, em que o horário é imprevisível, sendo determinado pela situação ou pela carga de trabalho.

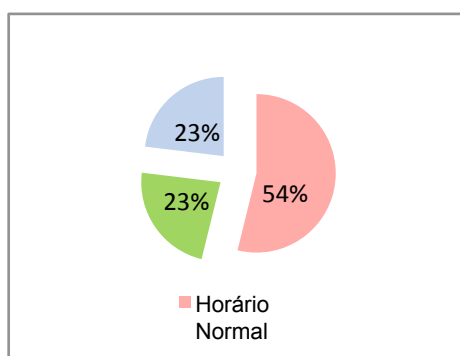
De acordo com essa categorização os sujeitos em sua maioria relataram uma rotina de trabalho de horário normal 7 (54%), contra 3 (23%) horário irregular e 3 (23%) horário rotativo (FIG.6).

O grupo analisado possui uma rotina de trabalho heterogênea que pode ser explicada pela conciliação da atividade docente com outras atividades de trabalho, incluindo a prática de enfermagem. Quando os entrevistados realizam atividades realizadas

ligadas exclusivamente à docência (42%), os mesmos declaram sua rotina de trabalho como rotina de trabalho normal. Por outro lado, quando os entrevistados conciliam as atividades docentes com outras atividades de trabalho (33%), incluindo a prática de enfermagem, os entrevistados classificam sua rotina de trabalho como horário rotativo ou irregular.

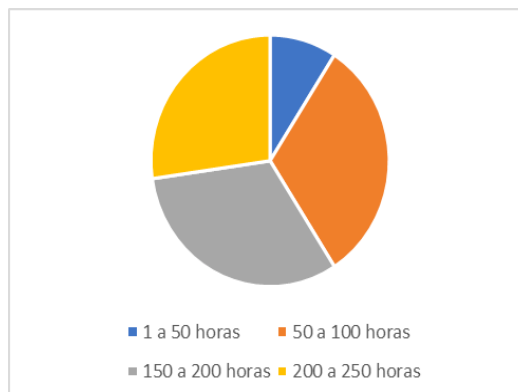
Dessa forma, é possível afirmar que a categorização da rotina, segundo padrão de horário, não pode ser determinada pela prática docente, já que as atividades curriculares do curso de enfermagem seguem um padrão de horários. Por outro lado, associação da atividade docente a outras atividades de trabalho podem favorecer a sobrecarga representada pela alta carga horária de trabalho diária realizada pelos profissionais. O FIG. 8 revela que 70% dos entrevistados realizam mais de 50 horas / mês, ultrapassando o padrão recomendado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que sugere 40 horas semanais, não podendo ultrapassar 8 horas diárias, ressalvado quando há remuneração por hora/aula extra (BRASIL, 1943).

Figura 7 - Horário de trabalho dos entrevistados



Fonte: Dados do estudo, 2017.

Figura 8 - Carga Horária de trabalho dos entrevistados (Horas/mês)



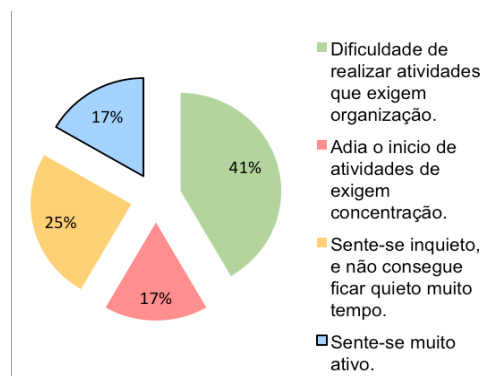
Fonte: Dados do estudo, 2017.

É sabido que o número de horas trabalhadas está normalmente associado à ocorrência da sobrecarga de trabalho, podem refletir diretamente na ocorrência de doenças de ordem física e mental, vindo a comprometer a saúde do trabalhador.

Nesse estudo foram analisados aspectos relacionados ao estresse e à ocorrência de doenças. No que se refere às manifestações de estresse os autores do instrumento de coleta de dados (Heath Care Policy da Harvard Medical School) consideraram quatro aspectos do comportamento do trabalhador que representam situações de estresse: concentração, cumprimento de tarefas, sentir-se ativo.

Verificou-se que dos entrevistados, apenas 5 (41%) referem dificuldade de realizar atividades que exigem organização, 3 (25%) sente-se inquietos e não conseguem ficar quieto por muito tempo, 2 (17%) adiam o início de atividades que exigem concentração e 2 (17%) sentem-se muito ativos (FIG. 9).

Figura 9 - Manifestações de estresse no trabalho



Fonte: Dados do estudo, 2017.

Os resultados encontrados refletem a relação anteriormente mencionada: carga horária e estresse. De alguma forma, os docentes apresentam em sua maioria, manifestações que indicam que carga horária e a sobrecarga de trabalho contribuindo para o *start* para comportamentos relacionados ao estresse.

Ferreira e Martino (2009) em sua pesquisa sobre o estresse no cotidiano de trabalho revelam, que mesmo os trabalhadores que tinham disponibilidade de horários de serviços, ou seja, aqueles que disseram não se importarem com o horário de trabalho, sendo flexíveis ao horário estabelecido pela empresa, possuíam sintomas de estresse. Este pode ser justificado pelo tempo de serviço em horários de turno, ou seja, por muitos anos trabalhando nessa escala de turno, principalmente os que trabalhavam em horário noturno.

Carlotto et al. (2015), revela em seu estudo realizado com professores de escolas públicas e privadas, que a sobrecarga de atividades laborais influencia na ocorrência das doenças relacionadas ao estresse, causando desgaste psicológico. Este mesmo autor relata que a sobrecarga laboral também tem grande influência negativa na ilusão pelo trabalho, pois os

docentes trabalhadores apresentam desmotivação em relação ao trabalho sobrecarregado.

Meira et al. (2013), em um estudo qualitativo realizado com docentes de uma instituição de ensino estadual, alerta para a existência de associação considerável da sobrecarga de trabalho e horas trabalhadas excedentes frente ao processo saúde-doença. Este acontece principalmente no que tange a situação emocional do trabalhador docente, potencializando o desenvolvimento de sinais e sintomas relacionados ao estresse.

Além do estresse, diversos problemas de saúde se manifestam no grupo analisado. Estes merecem destaque a ocorrência de doenças que podem estar associadas ao fator estresse: Enxaquecas (46%), dores em geral (77%), gastrintestinais (31%), fadiga (23%) e problemas relacionados ao sono (23%), conforme a TAB.1.

Segundo Koetz, Rempel e Périco (2013) a alta carga horária de trabalho influencia diretamente na qualidade de vida do trabalhador docente, ou seja, para o trabalhador é necessário à dedicação de maior parte do seu tempo a serviço da docência. Sendo necessário abdicar-se de descanso e lazer, desenvolvendo com o passar do tempo nesse ritmo, sintomas que tem correlação com o estresse, como cansaço físico, mental e fadiga.

Tabela 1 - Problemas de Saúde relatados pelos Docentes

Problemas de Saúde	Não, não tenho este problema.		Sim, tenho ou já tive este problema.	
	N	%	N	%
Dor crônica nas costas/pescoço	8	62	3	23
Enxaquecas	7	54	6	46
Outro tipo de dor de cabeça intensa e frequente	10	77	3	23
Qualquer outra dor crônica	9	69	4	31
Problemas gastrointestinais	9	69	4	31
Rinite alérgica ou alergia em determinadas estações do ano	9	69	4	31
Problemas urinários ou da bexiga	13	100	0	0
Problemas crônicos de sono	10	77	3	23
Fadiga crônica ou falta de vigor	10	77	3	23
Transtorno de ansiedade	12	92	1	8
Depressão	12	92	1	8
Qualquer outro problema emocional	11	85	0	0
Problemas com o uso de substâncias químicas (drogas ou álcool)	13	100	0	0

Fonte: Dados do estudo, 2017.

Em um estudo realizado com enfermeiros de um hospital pediátrico que conciliam a dupla jornada de trabalho pôde-se observar que a maioria dos participantes apresentou resultados de estresse a nível médio e outra parte considerável apresentaram resultados de estresse a nível alto. Em comparação, os profissionais que não possuem a dupla jornada de trabalho também apresentaram níveis de estresse,

mas estes em sua maioria estavam em nível baixo. Este mesmo autor relata que o alto nível de estresse em situação contínua leva ao profissional um quadro de esgotamento físico e mental, desfavorecendo o desenvolvimento no ambiente de trabalho (PAFARO; MARTINO, 2004).

De acordo com Rocha e Felli (2004) as manifestações psicoemocionais alteram a qualidade de vida no trabalho. Manifestações de ansiedade, esgotamento físico e cansaço mental que são consequentemente as cargas de trabalho, essas cargas interagem e causam então os processos de desgaste. O desgaste leva a diminuição da capacidade física e psíquica.

As frustrações que um docente pode sofrer no local de trabalho são consequência das altas cargas de trabalho, como os trabalhos em campo e aos trabalhos técnico-administrativos. Com o aumento da quantidade de responsabilidades a qualidade da educação passa a ser ameaçada, e tem como resultados a redução de atuações inovadoras e expansão do pensamento (LEMOS; PASSOS, 2012).

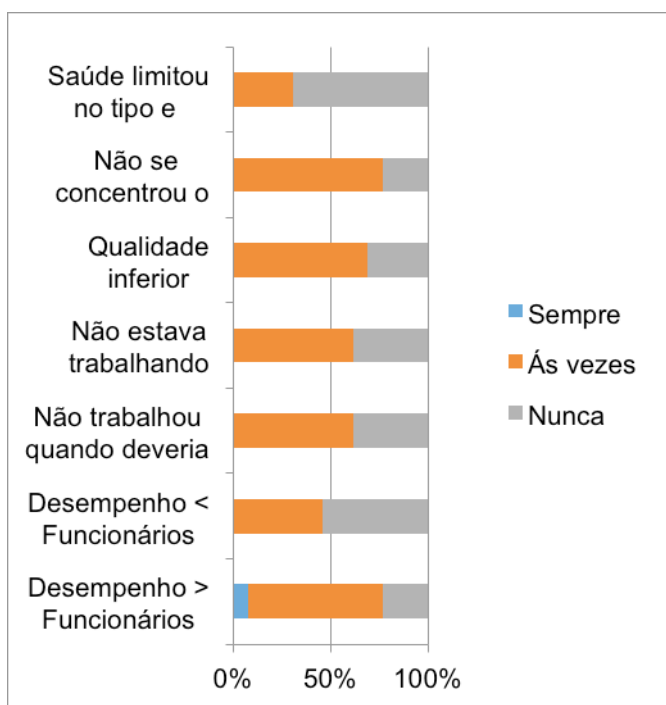
A carga horária tem sido cada vez maior e cansativa, estes profissionais precisam estar sempre em processo de refinamento e não podem usar o local de trabalho, pois este é para produção. Este refinamento será feito fora do horário de trabalho, e em outros locais como a sua casa, é neste contexto que é possível entender a sobrecarga de trabalho e sem remuneração por essas horas extras (EBISUI, 2008).

É importante salientar que as reflexões apresentadas pelos autores se referem apenas a categoria de docentes. Nesse estudo, a sobrecarga de trabalho pode ser associada também à conciliação das atividades com a prática de enfermeiro ou outras atividades realizadas, o que pode potencializar ainda mais a ocorrência de sobrecarga.

Aspectos referentes à sobrecarga de trabalho, pelo acúmulo de carga horária e atividades, influenciam na maneira como entrevistados se portam quando são

encorajados a realizar uma autoavaliação sobre a saúde no trabalho. A maioria dos sujeitos entrevistados (69%) relataram que a qualidade do serviço às vezes foi abaixo do esperado e 76% afirmam não ter se concentrado o suficiente no trabalho, conforme no FIG. 10.

Figura 10 - Autoavaliação dos entrevistados sobre a saúde no trabalho



Fonte: Dados do estudo, 2017.

As reflexões de Diehl e Marin (2016) corroboram com os dados encontrados nesse estudo na medida em que afirmam que o crescimento no número de agravos à saúde física e mental dos professores, trazem prejuízos que comprometem a sua atuação no trabalho.

As condições de trabalho dos professores são apontadas como a causa para os comprometimentos relacionados à saúde do professor. As tarefas realizadas pelo professor estão ligadas ao demasiado número de tarefas, ambiente de grande cobrança, convivência com estudantes pouco motivados, alto

nível de barulho e a pressão para o cumprimento do cronograma, que unidos são fontes de estresse em algum período da vida escolar (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Observou-se que dentro dos fatores do ambiente de trabalho que influenciam a qualidade de vida do trabalhador, os que mais são visíveis ao afetar a saúde do docente são, sobrecarga de trabalho, dupla jornada do horário de trabalho e horários irregulares ou prolongados. Esses fatores podem trazer como maior consequência para a vida do professor, sendo o estresse um dos principais fatores de adoecimento na categoria pesquisada.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa pretendeu investigar a saúde dos professores enfermeiros, analisando os fatores que influenciam em sua saúde e ressaltar os problemas mais recorrentes entre eles. A análise da saúde dos docentes enfermeiros mostrou um resultado significativo em relação a fatores influenciáveis na qualidade de vida do trabalhador desencadeada pela conciliação de tarefas do cotidiano e sobrecarga de atividades.

Os resultados dessa pesquisa demonstraram que as altas cargas horárias de trabalho dos docentes enfermeiros, bem como a conciliação do trabalho docente com outras atividades incluindo as práticas como enfermeiro, influenciam diretamente na sua condição de saúde, sendo manifestadas por sintomas relacionados ao estresse, assim como o aparecimento de problemas físicos sendo, as enxaquecas, dores crônicas, problemas de trato gastrointestinal, problemas no sono, e fadiga crônica.

As características do adoecimento do trabalho docente, identificadas nesse estudo, alertam para a necessidade de desenvolvimento de programas em prol da saúde do trabalhador como forma de prevenção de doenças e agravos relacionadas a rotina

de trabalho. Estratégias que possam ir além dos exames e consultas periódicas, a fim de que as condições de trabalho e saúde dos profissionais docentes precisam ser pensadas como maneira de preservar à saúde da população economicamente ativa.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, L. M. F.; ROCHA, H. M. Fatores organizacionais que geram insatisfação no servidor público e comprometem a qualidade dos serviços prestados. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 7, 2010. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/234_SEGeT_Fat_Organizacionais_c_autores.pdf>. Acesso em: 30 out. 2016.

BATISTA, J. B. V. et al. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB, **Revista Brasileira Epidemiologia**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 502-512, set. 2010.

BÍBLIA. A. T. Eclesiastes. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução da Conferencia dos Bispos do Brasil. Brasília: Canção Nova, 2007.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução da Conferencia dos Bispos do Brasil. Brasília: Canção Nova, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p.

BRASIL. **Decreto Lei n. 5452, de 1º de maio de 1943**. Brasília, 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: nov.2016.

BRASIL. Doenças Relacionadas ao Trabalho. **Normas e Manuais Técnicos**, Brasília, 2001.

BRASIL. Lei nº 1.535, de 15 de abril de 1977. **Diário Oficial da União**, abr.1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del1535.htm>. Acesso em: 01 nov.2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego Secretaria de Inspeção do Trabalho. **Portaria n. 3.214, 08 de junho de 1978**: Aprova as Normas Regulamentadoras - NR - do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas a Segurança e Medicina do Trabalho. Brasília, 1978. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/839945.pdf>>. Acesso em: 18 out.2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. Portaria n.1.823, de 23 de agosto de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2016.

BRASIL. Previdência Social. **Estatísticas de Acidentes do Trabalho 2012**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/dados-abertos/aeat-2012/estatisticas-de-acidentes-do-trabalho-2012/>>. Acesso em: nov.2016.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, abr. 2007.

CARLOTTO, M. S. et al. O papel mediador da autoeficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de Burnout em professores. **Revista Psico-USF**, São Paulo, v. 20 n.1, p. 13-23, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401041438003>>. Acesso em: 11 maio 2017.

CARONE, E. Os Congressos da II Internacional. **Revista Princípios**, n. 20, , p. 71-77, fev./abr.1991 Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/carone/1991/04/congressos%20.htm>>

CARVALHO, G. M. **Enfermagem do Trabalho**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

CODO, W. **Por Uma Psicologia Do Trabalho**: Ensaio. Casa do Psicólogo, 2006.

COSTA, I. C. P. et al. Produção científica acerca de assédio moral em dissertações e teses no cenário brasileiro. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 49, n.2, p.267-276, mar./abr. 2015.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 187-196, jan./fev. 2004.

DIAS, E. C. et al. Saúde ambiental e saúde do trabalhador na atenção primária à saúde, no SUS: oportunidades e desafios. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.6, p.2061-2070, dez.2009.

DIEHL, L.; MARIN, Â. H. Adoecimento Mental em Professores Brasileiros: Revisão Sistêmica da

Literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.7, n.2, p. 64-85, dez.2016.

DUARTE, N. S.; MAURO, M. Y. C. Análise dos fatores de riscos ocupacionais do trabalho de enfermagem sob a ótica dos enfermeiros. **Rev. bras. Saúde ocup.**, São Paulo, v.35, 2010.

EBISUI, C. T. N. **Trabalho docente do enfermeiro e a Síndrome de Burnout**: desafios e perspectivas. 2008. 252 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Faculdade de Enfermagem da Universidade do Ribeirão Preto, São Paulo, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, L. R. C.; DE MARTINO, Milva Maria Figueiredo. Stress no cotidiano da equipe de enfermagem e sua correlação com o cronótipo. **Estudos de psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 65-72, mar. 2009.

FRANCO L. C., M. P. S. Padrão de consumo de álcool e tabaco entre professores universitários. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, 2016, v.30 n.2, abr./jun. 2016.

FURLAN JUNIOR, P. F. A redução da jornada de trabalho e seus benefícios. **Rev. Eletrônica do Cemop**, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/paulo_furlan.pdf>. Acesso em: 25 out.2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

GOMEZ, C. M.; THEDIM-COST, S. M. F. **A Construção do Campo da Saúde do Trabalhador**: Percurso e Dilemas. Rio de Janeiro, 1997.

GONZÁLEZ, S. T. **Salud y Malestar docente: un análisis crítico**. In: SEMINÁRIO REDESTRADO-NUEVAS REGULACIONES EM AMÉRICA LATINA, 3, 4 y 5 de Júlio de 2008. Buenos Aires, 2008.

GUNTHER, H. Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão? **Psic. Teoria e Pesquisa**, v.22,n.2, p.201-210,maio/ago.2006

GUIMARÃES, A. L. de O.; FELLI, V. E. A. Notificação de problemas de saúde em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitário. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.69,n.3, jun.2016.

INVERNIZZI, N. Empregos precários no setor terciário: estudo de trajetórias ocupacionais de trabalhadores em risco de exclusão. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, p.35, 2002.

KASSADA, D. S.; LOPES, F. L. P.; KASSADA, D. A. Ergonomia: Atividades que comprometem a saúde do trabalhador. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR, **Anais Eletrônico**, 7, EPCC, Paraná, 2011. Disponível em http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anaais/danielle_satie_kassada.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

KNAPIK, M. C. O Trabalho Humano: Das sociedades comunais ao modo de produção feudal. **Caderno da série "História Social do Trabalho**, Curitiba, n. 2, 2005".

KOETZ, L.; REMPEL, C.; PERICO, E. Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1019-1028, abr. 2013.

LAURELL, A.C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário**. São Paulo, HUCITEC, 1989.

LEMOS, M. de C.; PASSOS, J. P. Satisfação e frustração no desempenho do trabalho docente em enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 48-55, 2012.

LIMA, M. de F. E. M.; LIMA-FILHO, D. de O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências e cognição**. Rio de Janeiro , v. 14, n. 3, p. 62-82, nov. 2009 .

LOURENÇO, E. Â. de S. Agravos à Saúde dos Trabalhadores no Brasil: Alguns Nós Críticos. **Revista Pegada**, v. 12 n.1, jun. 2011. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/927/940>> Acesso em: 20 set. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, A. L. Mortalidade materna de mulheres negras no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.11, nov.2006.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. Disponível em: <http://petdireito.ufsc/wp-content/uploads/2013/05/manuscritos-economicos-e-filosoficos-marx.pdf>. Acesso em : 02 nov. 2016.

MAURÍCIO, L. F. S.; MARCOLAN, J. F. O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem. **Revista de enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 6, p.4845-53, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.ph>

p/revista/article/view/9887/pdf_2002>. Acesso em: 11 de maio 2017.

MEIRA, T. R. M. et al. Percepções de professores sobre trabalho docente e repercussões sobre sua saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. Fortaleza, v.27, n.2, p. 276-282, abr./jun. 2014.

MENDES, R.; DIAS, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v.25, n.5, p.341-349, out.1991.

MENDES, S. S.; MARTINO, M. M. F. De. Trabalho em turnos: estado geral de saúde relacionado ao sono em trabalhadores de enfermagem. **Revista da escola de enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 1471-1476, Dez. 2012.

MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, n.3, p. 8-19, jul./set. 2001.

OLIVEIRA, N. T. **O processo de adoecimento do trabalhador da saúde**: o setor de enfermagem do pronto socorro de um hospital universitário. 2009.

PAFARO, R. C.; DE MARTINO, M. M. F. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 152-160, junho 2004 .

RAMAZZINI, B. **As doenças dos trabalhadores**. 4. ed. São Paulo: Fundacentro, 2016.

REZENDE, T.; SILVA, R. M. da. A qualidade de vida no trabalho dos profissionais da área de enfermagem: um estudo a partir do modelo teórico de Hackman & Oldham. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, dez.2008.

ROCHA, S. de S. L.; FELLI, V. E. A. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Revista Latino Americano Enfermagem**, São Paulo, v.12, n.1, p 28-35, jan./fev. 2004.

SANTOS, M. C. dos. A Aplicabilidade do Princípio da Dignidade da Pessoa Humana na Relação de Emprego. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v.15, n. 98, 2012.

SIQUEIRA, C. E. et al. A experiência do Observatório de Saúde do Trabalhador (Observatoriost) no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.38, n.127, p.139-148, jun. 2013.

STACCIARINI, J. M. R.; TROCCOLI, B. T. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. **Revista Latino Americano Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 17-25, abril. 2001.

TEIXEIRA, M. C. A invisibilidade das doenças e acidentes do trabalho na sociedade atual. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 102-131, mar./jun.2012.

TERRA, F. de S.; ROBAZZI, M. L. do C. C.; SECCO, I. A. de O. Perfil dos docentes de cursos de graduação em enfermagem de universidades públicas e privadas. **Revista de enfermagem UERJ**, v. 19, n. 1, p. 26-33, 2011. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v19n1/v19n1a05.pdf>>. Acesso em: 11 de maio 2017.

TRIPALIU. **QI 10**, [2016?]. Disponível em: <<http://f9p15s16.blogspot.com.br/2014/08/tripalium.html>>. Acesso em : 02 nov. 2016.

VARGAS, G. de O P. Análise das atividades de segurança e higiene do trabalho nos hospitais de

Porto Alegre. **Rev. Paul. De Hosp.**, v.29, n.9, p.267-80. 1981.

WACHOWICZ, M. C.; Segurança, Saúde e Ergonomia. In: _____.História do trabalho.1. ed. São Paulo: Intersaberes, 2012. cap.1, p. 13-34.

WERNER, A. Federico. Passado e Presente do Dia 1º de Maio. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, Belo Horizonte, v.3, n.2, p. 148-152, ago./dez 2005